

## **Análise da evolução da cadeia láctea brasileira**

### **Antecedentes, no Século XX**

Entre muitos fatores que impulsionam o crescimento econômico do século XX, destaca-se a crescente urbanização que se inicia na década de 30, aos poucos se intensifica na década de 40, torna-se exponencial ao longo da segunda metade do século XX. Por exemplo, em 1940 o Rio de Janeiro contava com 1.7 mi. de hab., em 1950 era 2.37mi.; em 1980 passou para 5,09 mi. São Paulo, respectivamente nos mesmos anos passou de 1.3 mi de hab., depois para 3.0 mi. e assumiu a liderança com 8.04 mi. e as demais capitais que se contava na casa dos mil hab., em 1940 e 1950, já 1980 pulam para casa de 1 a 2 mi. de e hab.

Com Getúlio Vargas se desenvolveram as indústrias de base e, as superestruturas do Estado Brasileiro se consolidavam; com Juscelino Kubitschek surge Brasília no final da década de 50, o Brasil cresce para o interior.

O PIB cresce a partir de 1940, e na década de 60 inicia seu crescimento exponencial, atingindo 7,3 trilhões em 2000.

Em 1980, Brasília já era a terceira maior cidade brasileira e todas as capitais do oeste passaram para casa dos 100 a 500 mil habitantes. Juntamente com todos esses fatos iniciou-se o desenvolvimento da malha rodoviária que cortavam o Brasil de leste a oeste e de norte ao sul.

Os desafios para o abastecimento dos grandes centros urbanos despertavam preocupação dos governos. A população em 1940 era de 41 milhões de habitantes; em 1980 passou para 82 mi hab.; e fecha o século com 169 mi. hab.

Nestes contextos, foi que a partir de 1930 já se procurava soluções para o abastecimento dos grandes centros urbanos.

O desenvolvimento das cooperativas de laticínios e centrais de cooperativas surgiam como uma solução de abastecimento, sendo que a primeira CCL/SP – Leite Paulista, foi criada em 1933 se organizou a partir do Vale do Paraíba, visando o abastecimento de São Paulo que já beirava 1 milhão de habitantes.

Sucessivamente foram sendo criadas cooperativas centrais, com motivações, circunstâncias e modelos diferentes em outros estados, assim em 1946 nasce a CCPL/RJ; em 1948 a CCPR/MG; 1954 a CCLP/PR; 1966 a CCG/GO; 1969 a CCAV/SC; CGL/R e finalmente na década de 80 nascem as Centrais do CCMS/MS; a CONFEPAR/PR e CCLB/BA.

No total, sem contar com as cooperativas regionais, só as cooperativas centrais em 1987 participavam com 50% do leite tipo C; 80% do leite tipo B; 30% do leite UHT Int. e 75% do UHT desnatado; 25% LPI; 42% LPD 35% Queijos; 50% Manteiga; 40% logurtes; 15% creme de leite; 30% doce de leite.

Em pesquisas no livro “A Integração Inacabada” – de Almir Meireles - 1ª edição 2009 – Editora Barleus Ltda., na página nº 181, interessante observar que em 1981, num Rank de 20 laticínios, com a Nestlé em primeiro lugar e 5 Cooperativas Centrais já respectivamente em 2º, 3º, 5º, 9º e 12º, juntamente com as demais 14 empresas tiveram um faturamento de 2.285.069.000 milhões de dólares. Já na página nº 183 do mesmo livro, um outro Rank de 20 maiores em empresas, em 1994, 13 anos após, o faturamento dessas 20 maiores empresas de laticínios, com apenas 11 daquelas que

constavam em 1981 apresentavam um faturamento de 7.019.000.000 de dólares, nesse Rank, a Nestlé detinha 36,1%, 6 Cooperativas Centrais 20,5% e as 13 empresas restantes 43,5, sendo que entre elas, aparece a Parmalat que entrava no grupo com 10%, em pouco tempo crescia na velocidade da luz e logo se tornou enorme, adquirindo todos os laticínios que a procurava.

A Nestlé, era considerada modelo a ser seguido para muitas empresas nacionais que cresciam, inclusive para Centrais de Cooperativas. Poucas empresas desenvolviam novos produtos, com maior valor agregado, apenas copiavam as tecnologias e, se possível processos produtivos e até mesmo embalagens, Marketing, logísticas e distribuição.

Em termos de projeção de marca a Parmalat tomava uma rápida ascensão. Assim, terminou o século XX, pode-se dizer que nos seus últimos 30 anos foi o início de quase tudo e, ao mesmo tempo, o fim de quase todas as empresas que vinham se consolidando no setor de laticínios, ao ponto de se dizer que os últimos 30 anos o setor viveu suas primeiras experiências de agregação de valor e a corrida pela concentração do campo à indústria e varejo.

Também desde os anos 70, havia uma sofrida vivência com o famigerado controle de preços da Superintendência Nacional de Abastecimento- Sunab e da Comissão Interministerial de Preços – CIP, ambos foram a marcas da intervenção estatal no setor e, ainda com a SEAP/ Planejamento e depois Fazenda, inicialmente com Delfim Netto, que a qualquer pequeno crescimento da inflação logo trazia grandes volumes de leite em pó e butter oil importados dos EUA, EU, para reidratação de leite voltado ao abastecimento, chegou-se ao ponto de internalizar quase todo o leite contaminado por Chernobil/Ucrânia, Brasil, México e Argélia importavam quase todo o leite disponível no mundo.

Também foi o início de uma explosão tecnológica de processos, embalagens, logísticas e marcando um aumento muito forte do leite em embalagem plástica flexível que contribuiu muito com o aumento do consumo de leite nas capitais, implantando a cultura do consumo de leite fluído pela população, em parte rivalizando com a cultura do leite em pó, exceto nas regiões do Norte e Nordeste e onde a cadeia de frio era ainda incipiente, onde predominava o consumo de leite em pó.

Mas, na medida que se avança para os anos 80, nasce e cresce alternativas, no Rio de Janeiro, a CCPL e SPAM eram as grandes empresas que iniciaram o uso dessa embalagem da caixinha longa vida, mas em seguida se expandiu para todo o Brasil. O leite em caixinha longa vida que não requer cadeia de frio se tornava viável para o abastecimento de todo o Brasil que cada vez mais tomava leite, comia queijos, tomava iogurtes, leite condensado, usava manteiga e produtos fermentados refrigerados, creme de leite, leite condensado.

Esse crescimento de mercado, marcou o início de uma grande concentração das empresas de laticínios e, o fim de muitas grandes Cooperativas de Laticínios e de empresas tradicionais, por exemplo, Spam/RJ; Cilpe/PE; Lacesa/RS; Fleischmann & Royal; Leco/SP; Alimba, assim nascia um novo modelo de concentração, era a Parmalat que surgia.

Fernando Collor de Mello em 1990, inicia a abertura dos mercados que finalmente vai sendo destravado, e o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinam o tratado do Mercosul de livre comércio.

O mercado brasileiro se tornava cada vez mais atraente para multinacionais americanas, europeias, mas as argentinas, uruguaias e suas *Tradings Companies* cresciam em presença no mercado brasileiro com advento do Mercosul.

### **Início do século XXI - Foco na sustentabilidade do negócio**

Se o século XX foi desafiador e muitos agentes econômicos do setor não conseguiram sobreviver. Já para os que venceram no século XXI, sabiam bem que a realidade continuava bem desafiadora,

pois se tratava de CRESCER, em produtividade, qualidade, isto é, ser sustentável, sem dar passos maiores fora de suas margens reais de ganhos presentes, visto que financiamentos sem critérios de planejamento era muito arriscado, dado a alta taxa de juros praticados pelo sistema financeiro viciado em derivativos.

Para se ter uma dimensão como o novo vigia já desde a primeira década do século XXI, basta saber que da relação do Rank de 20 empresas de 1994, sobravam praticamente em 2024 apenas 2 empresas, mesmo assim em situações diferentes, a Nestlé e a Danone, todas as demais empresas que podem ser incluídas hoje num Rank de 20 maiores empresas de laticínios foram renovadas de uma forma ou de outra. As situações que levaram as empresas a serem vendidas são várias: umas simplesmente faliram, outras foram vendidas antes de falir, outras não conseguiram refutar ofertas e foram vendidas. Mas, falta de gestão, de planejamento, de foco, questões familiares não resolvidas, falta de capacidade administrativa é uma grande realidade, e assim segue.

Os desafios atualmente são outros, é a procura intensa, seja de parte de produtores, seja dos laticínios ou mesmo das indústrias de insumos, de máquinas e equipamentos e, também na área de serviços voltados a processos, pesquisas, cursos profissionalizantes para áreas técnicas, tudo muito voltado a diminuição de custos, da procura por produtividade que é uma constante e intensa.

Foram Inúmeras as viagens técnicas de empresários, executivos da cadeia láctea ao exterior, em visita aos sistemas produtivos de leite de países com maior desenvolvimento da pecuária, indústria e consumo de leite. Apenas a entidade G100 levou à Argentina, Uruguai, Chile, Canadá, Meio Norte EUA; Costa Leste EUA, Alemanha, Áustria, Itália, Nova Zelândia, China, 353 pessoas, todos diziam que eram para “curar ignorância”.

Já em 2004 teve o início para a cadeia láctea e posteriormente para outros setores econômicos alteração do sistema tributário federal de Pis e Cofins, baseado em agregação de valor, não cumulativo que em 2004 iniciou o processo de crédito tributário em quaisquer aquisições das empresas e crédito presumido para o produtor de leite passar para seu adquirente os quais as empresas usavam para pagar impostos federais quaisquer. Simultaneamente, houve a instituição de Alíquota zero de PIS e COFINS para produtos lácteos.

Mais recentemente, aconteceu a Reforma tributária de 2024, que confirmou a manutenção das importantes conquistas, como de alíquota zero para quase todos os produtos lácteos que possuíam o mesmo tratamento tributário de Pis e Cofins, restando de fora o iogurte, bebida láctea e composto lácteo. Também se permite o crédito presumido, esse ainda com valor pendente de regulamentação.

A revisão da legislação higiênico sanitária, mobilizou a todos durante anos e enfim concluiu-se em 2017, quando finalmente saiu o novo RIISPOA, logo na segunda década. Também o início da implantação do sistema de autocontrole e rastreabilidade.

Um novo desafio, é o Acordo do Mercosul com a União Europeia, mais uma vez, em relação as legislações higiênicas sanitárias diferentes, trazem novos esforços do setor, sobretudo em relação a uma maior biossegurança e rastreabilidade em relação a contaminação química e ambiental, o que certamente deverá ser também um desafio para a União Europeia.

Seguem como grandes desafios, a assistência técnica e educacional funcional aos produtores, que atualmente se resumem nas exigências da IN 71/18 e 77, que segundo essas normativas cabe aos laticínios levarem aos produtores.

A utilização de tecnologias de alimentação; prevenção de saúde e ambientes para conforto animal, melhoria da genética do rebanho de leite. Há também o fato que cada vez mais será preciso

automatizar todo o sistema produtivo e uso da inteligência artificial em todos os processos do produtor até as gondolas do varejo.

Uma coisa chama outra, como crescer e produzir, com todos esses requisitos e desafios? Se existe grande dificuldades de acesso a linhas de crédito de longo prazo a custo compatível com atividade primária e, mesmo industrial. Resta muito difícil promover o crescimento sustentável da atividade, é uma prioridade requerer ao Estado Brasileiro medidas de políticas públicas de acesso ao crédito criando um tipo de Fundo Garantidor de Crédito.

Confiram as informações que seguem abaixo, elas são mostradas nas três principais datas, 2004 quando realmente iniciam-se algumas novidades, por exemplo, tributária em 2015 com advento do Leite Mais Saudável. Fomos até 2024 porque não fizemos projeções e, ainda não existem as estatísticas relativas a rebanho e produção, há apenas e, mesmo assim, parcialmente, relativo ao leite adquirido, haja visto que em alguns estados do Norte e Nordeste muitos municípios não informam seus números para o IBGE.

<b>A EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS INDICADORES DA CADEIA LÁCTEA</b>			
<b>(Comparação dos anos 2015 com 2004 e, 2024 com 2004 e 2015)</b>			
<b>A- Principais Indicadores -CL</b>	<b>B - 2004</b>	<b>C - 2015</b>	<b>D - 2024</b>
População	151.581.024	196.909.000	212.583.000
Produção	23.474.694.000	34.609.588.000	35.743.862.000
Vacas Ordenhadas	20.474.694	21.110.916	15.132.732
Produtividade	786	1.492	2.362
Total Leite Adquirido	14.495.141.000	24.062.308.000	25.366.096.000
Subtotal Leite Adiq. SIF	13.078.193.000	22.235.689.000	22.138.940.000
Subtotal - SIE	1.242.056	1.659.876	2.959.402
Subtotal - SIM	179.071	166.742	505.586
Leite Informal	8.978.548.000	10.547.280.000	10.377.766.000
Salário-Mínimo(R\$)	260,00	788,00	1518,00
Rendimento Médio-R\$	916,50	1746,00	3238,10
Importação	555.223.000	1.591.235.000	2.199.103.000
Exportação	653.734.000	613.982.000	380.339.000
Dólar Com. Médio	2,925	3,34	6,19
Preço Produtor	1,65	2	2,56
Obs.: Principais indicadores diretos e indiretos de impactos nas CL (Dados da PPM/IBGE; 2025 não divulgados).			
Fonte de dados: IBGE - Elab. <a href="http://www.terraviva.com.br">www.terraviva.com.br</a>			

Permanece desde 2004, até 2015 e depois até 2024 a situação difícil do crédito, altos juros para investimentos e necessidade de lastros demandados pelos agentes financeiros. O Plano Safra oferece a maior parte dos recursos a custos menores quando se trata de créditos de custeio, capital de giro. Há pouca oferta de créditos acessíveis a juros menores para financiamentos de longo prazo.

**1- Evolução e foco em produtividade, a preocupação com sustentabilidade: diminuição de custos, resultados podem ser observados nas estatísticas existentes no IBGE.**

Produção total cresceu 47,4% de 2004 a 2015, mas apenas 3,3% de 2015 a 2024. O forte salto inicial reflete a intensificação do setor no início do século XXI.

Número de vacas ordenhadas caiu 28,3% entre 2015 e 2024, enquanto a produtividade por vaca disparou: + 89,8% (2004–2015) e +58,3% (2015–2024).

Isso confirma a tese de que surgiu uma cultura voltada à eficiência – produzir mais leite com menos vacas.

## **2 - Concentração em grandes produtores/empresas**

O leite adquirido pelo SIF (grandes indústrias) cresceu 70% até 2015, mas estagnou entre 2015 e 2024 (- 0,44%). Ainda assim, o SIF responde pela maior parte do leite formal (cerca de 87% do total adquirido em 2024).

O leite informal manteve-se praticamente estável (cerca de 10,4 bilhões de litros), com ligeira queda de 1,6% após 2015. Isso indica um patamar resistente de produção à margem dos sistemas de inspeção.

## **3 - Visibilidade para pequenas e médias empresas a partir de 2015**

SIE (Inspeção Estadual): crescimento de 33,6% (2004–2015) e 78,3% (2015–2024).

SIM (Inspeção Municipal): queda de 6,9% no primeiro período, mas explosão de 203,2% entre 2015 e 2024.

Esses números evidenciam que, a partir de 2015, pequenos e médios produtores ganharam espaço, buscando formalização em âmbito estadual e municipal – coerente com a “maior visibilidade” mencionada.

## **4 - Impacto da taxa de juros e limitações ao crescimento dos menores segmentos**

Apesar do forte crescimento percentual, a base do SIE e SIM ainda é muito pequena (poucos milhões de litros ante dezenas de bilhões do SIF). A expansão desses segmentos esbarra em:

Custo de capital elevado: a taxa de juros no Brasil, historicamente alta no período, dificulta investimentos em tecnologia, adequação sanitária e aumento da escala, portanto, da produtividade, por parte de pequenos e médios produtores.

Dólar e preços: o dólar comercial subiu 85,3% entre 2015 e 2024, e o preço ao produtor avançou 28% no mesmo período – insuficiente para compensar a alta dos insumos (ração, energia etc.) e os juros reais.

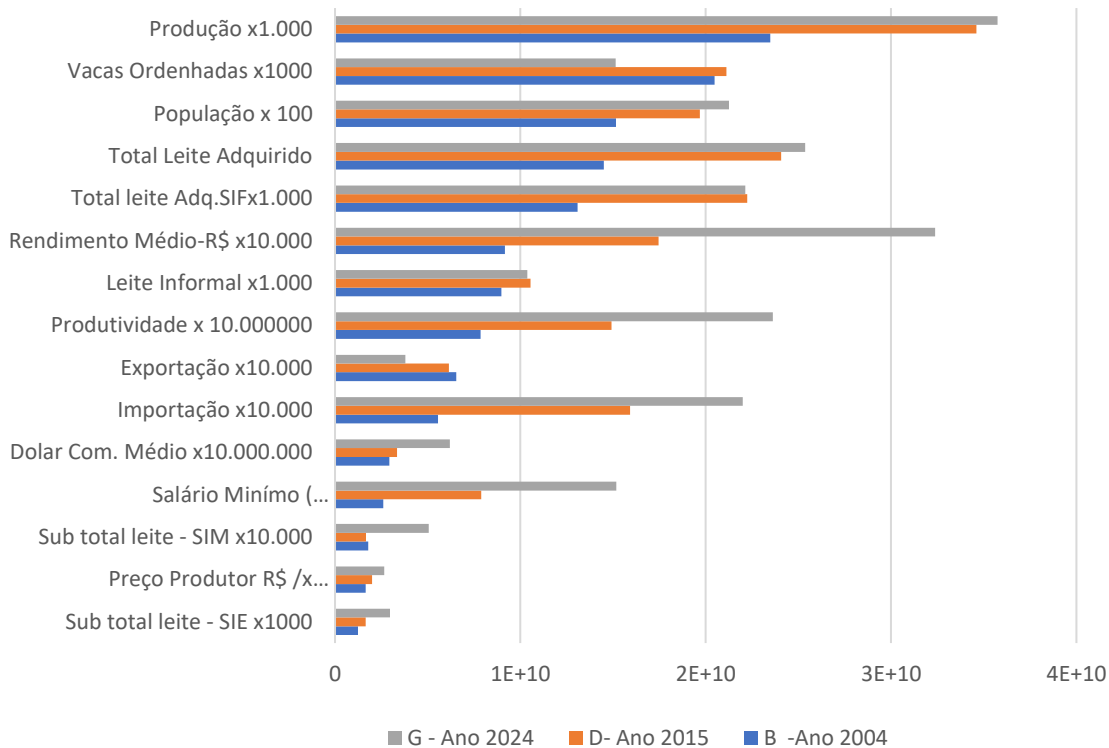
## **5. Comércio exterior e mercado interno**

Importações cresceram (+186,6% até 2015; +38,2% depois), pressionando a competitividade do leite nacional.

Exportações caíram consistentemente (-41,8% no acumulado 2004–2024), indicando perda de relevância internacional.

O rendimento médio da população e o salário-mínimo dobraram ou triplicaram, mas a renda do produtor cresceu menos em termos reais (preço médio ao produtor subiu 55,2% em 20 anos, abaixo da inflação do período).

### Evolução dos principais indicadores - Cadeia Láctea 2004 - 2015-2024.



Fonte: IBGE - Elab [www.terraviva.com.br](http://www.terraviva.com.br)

#### FINALMENTE:

A cadeia láctea brasileira evoluiu significativamente desde o início do presente século, com ganhos expressivos de produtividade e formalização crescente.

A partir de 2015, observa-se um maior crescimento dos sistemas SIE e SIM, beneficiando pequenos e médios produtores que se tornam empresários de laticínios

Contudo, a concentração no SIF permanece dominante, e o crescimento dos pequenos laticínios é limitado por juros altos, margens apertadas.

Para um avanço mais robusto das pequenas e médias empresas, seria necessário um ambiente de crédito mais acessível voltados a inovação tecnológica, inclusão na era da inteligência artificial e da robótica com incentivos de políticas de fomento regional voltadas a diminuição das assimetrias sócios econômicas entre os agentes econômicos da cadeia produtiva de leite.

A informalidade ainda é relevante, mas mostra sinais de contração.